



INFÂNCIA E ECOLOGIA: É POSSÍVEL EDUCAR ECOLOGICAMENTE?

Edvalda Pereira Torres Lins Aroucha e Glaide Pereira da Silva

Agendha – Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental
Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus VIII.
E-mails: valda.aroucha@agendha.org.br; glaide@gmail.com



RESUMO

O pensamento de nossas crianças a respeito de natureza, ecologia e meio-ambiente são elaborações resultantes do convívio com os adultos, educadores e educadoras, institucionalizados, regulamentados ou não. As representações sociais infantis trazem a marca de preconceitos referentes aos ecossistemas e sistemas em que vivem, muitas vezes, construídos por seus contraditórios professores, pais e mães, tendo origem em uma concepção fragmentada, na qual não há espaço para a inteireza. Para educar melhor, faz-se necessária a re-educação dos educadores.

Palavras-chave: Educação. Educadores. Ecologia. Criança.

INFANCIA Y ECOLOGÍA: PUEDE EDUCAR ECOLÓGICAMENTE?

RESUMEN

El pensamiento de nuestros niños acerca de la naturaleza, la ecología y el medio ambiente, son elaboraciones como resultado del contacto con los adultos, educadores, regulados o no. Las representaciones sociales de los niños llevan el estigma de los prejuicios, relacionados con los sistemas y ecosistemas donde viven, a menudo construidos por sus maestros contradictorios, los padres y madres, teniendo su origen en una concepción fragmentada, donde no hay lugar para la totalidad. Para educar mejor es necesario volver a la educación de los educadores.

Palabras clave: Educación. Educadores. Ecología. Niño.

1 INTRODUÇÃO

Nossas impressões a respeito desse tema se iniciam com um texto de Heidegger¹(apud LEFF, 2002, p.226).

O verdadeiro aprender é um apreender muito notável, no qual aquele que apreende, apreende apenas aquilo que, no fundo, já tem. O ensinar corresponde a *este* aprender. Ensinar é um doar, um oferecer, mas no ensinar não se oferece o aprendível; ao aluno é oferecida tão-somente a indicação de tomar para si o que ele já tem. Quando o aluno adota unicamente algo oferecido, ele não aprende. Chega a aprender quando experimenta o que apreende como aquilo que ele mesmo já tem. Um verdadeiro aprender ocorre somente ali onde o apreender aquilo que já se tem constitui um **dar-se a si mesmo** e se experimenta como tal. Dessa forma, ensinar não é outra coisa senão deixar aprender aos outros, quer dizer, induzir-se mutuamente a aprender (grifos do autor).

É ponto de concordância entre diversos autores, pesquisadores e pensadores que sofremos a influência do meio desde a hora em que nascemos e entramos em contato com o mundo o qual nos rodeia e, por conseguinte, com outros seres humanos. Objetivamente, as correntes sociointeracionistas afirmam que o ser é construído através das interações sociais, consecutivamente, o ambiente sócio-moral, através das interações proporcionadas, oferece uma condição grandemente favorável de desenvolvimento social e moral das crianças.

Se assim acontece, então, de alguma sorte e em algum grau, podemos, se não educar – posto que educar é uma tarefa impossível sob a ótica freudiana² –, ao menos, influenciar, conduzir ecologicamente nossas crianças; isto é, se formos adultos/as educados. Todavia, o que mostraremos e/ou tentaremos fazer o outro/a enxergar, se nós mesmos, adultos/as alienados, majoritariamente, não conseguimos ver nem a nós mesmos?

Contudo, se o processo educativo não consiste em instruir ou ministrar conhecimentos, e, sim, lembrar aos indivíduos o que eles já sabem, a questão capital do processo educativo é que o educador/a tenha consciência plena – e esteja sempre atento para não perder o foco – do que ele está pretendendo fazer lembrar. E se “ensinar” é relembrar, que este educador/a, ao mesmo tempo em

1 Heidegger, 1962/1973: 69.

2 FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standart Brasileira das Obras Completas, v. 23).

que desperta os conhecimentos de seus educandos/as, rememore e reflita sua prática educativa.

“Quando rotulamos a ética de ecológica, estamos pressupondo que o conjunto de atividades humanas que tornam viável a vida do homem em sociedade tenha como finalidade principal a integração homem-natureza.” (ROMARIZ, 1999, p. 533). Ou seja, somos adultos/as limitados e contraditórios. Portanto educar nossos pequenos/as para uma nova ética ecológica supõe um grande desafio.

Em princípio, devemos tentar superar os modelos usuais de ensino na atualidade, embasados e permeados pela descontinuidade e fragmentação, posto que, a partir desta visão mecanicista, há uma tendência a se separar a ecologia de outros aspectos. E para completar, além de suplantar essa dualidade presente nas práticas educacionais, existe outro ponto crítico – talvez o obstáculo de maior nível de dificuldade e a origem dos outros – que deve ser trabalhado pelos humanos/as: o paradoxo de pensar de uma maneira e agir de outra, a incoerência entre o que se demonstra ser e o que realmente é.

Até onde eu posso compreender, a única escola que merece ser preservada é aquela que facilita que o aprendiz oriente o coração para aprender. É preciso conspirar por isso, colocar alma no pré-primário: que as crianças possam aprender sobre emoções, sentimentos, exercitar relacionamentos enfim, aprender a aprender sobre si mesmo. Infelizmente, a educação tem se resumido a um triste processo em que a criança tem que engolir informações, que se tornam obsoletas em quatro anos, e depois vomitá-las em exames.³(CREMA, 2003a).

Romariz⁴ (1999) comenta que a efetividade das práticas de educação ambiental dependerá da nossa capacidade em lidarmos com duas grandes limitações: a dicotomia entre ecologia e desenvolvimento e o contrassenso inerente aos seres humanos.

A convivência de comportamentos conflitivos num mesmo grupo: indivíduos que, supostamente, são “grandes defensores” do meio ambiente, mas que, na realidade,

3 Este texto tem como base a transcrição da palestra de Roberto Crema “Liderança no Século XXI: impactos da passagem do milênio”, proferida no Espaço Cultural da Câmara dos Deputados, em 14/05/98 e irradiada pela TV da Câmara dos Deputados e pela TV Senado.

4 Dora de Amarante Romariz – Bacharel e licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Especialista em Biogeografia, pós-graduada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP – Departamento de Geografia.

praticam as maiores barbaridades contra o mesmo em suas vidas privadas. (ROMARIZ, 1999, p. 534).

Como um educador/a poderá educar, senão, como todos os outros, transmitindo sua própria concepção ecológica?

Se nós, os educadores não compreendemos a nós mesmos, se não compreendemos nossas relações com a criança e apenas a entulhamos de conhecimentos e a fazemos passar em exames, de que maneira poderemos inaugurar uma educação de nova espécie? O discípulo é para ser guiado e ajudado, **mas se o próprio guia e ajudante está confuso, é tacanho, nacionalista e dogmático, então, naturalmente, o discípulo será igual a ele**, [sem grifo no original] tornando-se a educação uma fonte de maior confusão e luta. (KRISHNAMURTI, 1980, p. 100)

Orientar, ser “ponte”, conduzir pela vida afora a alma de seres humanos, não podemos negar, é uma tarefa árdua e colossal, de imensurável responsabilidade, e muito mais quando se trata de guiar seres humanos na insipiência do processo de cognição.

A educação verdadeira começa com o educador, que deve compreender-se e estar livre dos padrões convencionais de pensamento. Porque o que ele é, ele transmite. Se não foi educado corretamente, que pode transmitir senão o mesmo saber mecânico que serviu de base à sua própria educação? O problema, portanto, não é a criança, mas o pai e preceptor: o problema é educar o educador. (KRISHNAMURTI, 1980, p. 100).

Um educador/a, não há que se negar, possui, em suas mãos uma grande parcela dos destinos de seus educandos/as, porém, geralmente, não tem consciência desse compromisso, descuidando de sua tarefa como orientador/a e mediador/a no processo de aquisição e construção cognitiva. Tugendhat (2000, p. 60) demonstra essa preocupação em relação ao censor dos adultos/as:

Desejo aqui em primeiro lugar chamar a atenção para o fato de que uma grande parte da socialização de uma criança consiste em ser apoiada no desenvolvimento de um conjunto de capacidades que estão todas em uma escala de ‘melhor’ e ‘pior’. Assim, aprendemos em primeiro lugar a desenvolver capacidades. Assim, aprendemos em primeiro lugar a desenvolver capacidades corporais: [...] do mesmo modo, capacidades instrumentais de produzir coisas: [...] e papéis

[...] e tudo isto pode-se desenvolver, **sob o aplauso dos adultos, menos bem ou melhor ou enfim excelentemente** [sem grifo no original].

Através do processo que a educação hoje atravessa, percebemos que, ou mudamos como seres humanos, tentando ser educadores/as melhores e bem mais preparados, ou certamente, jamais atingiremos a alma de nossos educandos/as, futuros homens e mulheres que farão uma nova sociedade acontecer. A ecologia humana vivenciada diariamente, por estudantes e professores/as é um dos caminhos a serem trilhados para que esses novos indivíduos alcancem o objetivo, ou seja, um homem/mulher pleno com conhecimento de si próprio e que, tendo posse deste conhecimento, saiba respeitar o outro indivíduo com todas as suas peculiaridades e idiossincrasias. Goergen (2001, p. 59) aborda:

O homem precisa ser feliz aqui e agora e isto ele pode alcançar pela dominação e utilização dos princípios naturais. O conhecimento dos princípios e leis da natureza torna-se o eixo central de um novo projeto de emancipação que tem na educação um de seus principais supostos de realização.

Educadores, então, de alguma maneira, somos todos nós, adultos/as, em algum instante de nossas vidas, entretanto, a maneira como pais e mães – educadores em maior potencial – vivem os valores ético-ecológicos no cotidiano é uma das causas mais relevantes para a construção dos mesmos valores no imo dos futuros cidadãos e cidadãs planetárias. “É necessário, pois, não só modificar certos padrões de conduta já bem estabelecidos, mas procurar ao mesmo tempo estimular a formação de outros, mais adequados à confrontação das ações consideradas mais nocivas ao meio ambiente.” (ROMARIZ, 1999, p. 534).

Sendo os pais e mães, geralmente, modelos de seus filhos e filhas, se os primeiros tiverem uma prática coerente, conhecendo, acreditando e praticando os princípios ético-ecológicos que os movem, por mais que a sociedade tente rechaçar ou ignorar estes princípios, uma criança que tem um bom exemplo não os negará; ao menos, não na totalidade. Já diz a sabedoria popular que um exemplo vale mais que mil palavras; portanto, se os adultos/as tiverem atitudes coerentes com o discurso, exercerão influência positiva na vida de seus filhos/as, que, conseqüentemente e provavelmente, serão homens e mulheres, ecologicamente éticos, essencialmente.

Crema (2003b) acredita que o jardineiro é a melhor metáfora para designar a excelência dos educadores e educadoras.

Sobretudo, o bom jardineiro é o amante da planta. Jamais será tão tolo a ponto de querer doutriná-la com suas teorias e ideais, aceitando e admirando a beleza da biodiversidade. O bom jardineiro sabe que a planta só necessita de um solo fecundo, crescendo por si mesma, já que é dotada de um tropismo para ser o que é, buscando o que necessita no solo e direcionando-se para a luz do sol.

Sejamos bons jardineiros então, permitindo que nossas crianças simplesmente acolham o que os seus educadores/as falam, fazendo uso, apropriando-se ou não dos conhecimentos transmitidos, sem tentarmos fazê-las à nossa imagem e semelhança. Que permitamos se manifestem livremente.

Goergen (2001, p. 78) chama a atenção para um aspecto que não podemos deixar de priorizar na educação de nossos/as infantes.

Além dos conhecimentos necessários para vencer na vida no contexto de uma sociedade regida pela informação, o educando precisa adquirir a capacidade de orientar-se em meio ao cenário caótico e desdiferenciado, aprender a reconhecer quais são, efetivamente, as questões fundamentais para o ser humano, para a vida e para a convivência. [...] O processo educativo não pode mais ser considerado como a introdução de crianças e jovens num mundo de valores eternos desde sempre definidos e com direito de serem impostos e nem pode ser um espaço vazio de valores.

A criança não constrói seu campo cognitivo apenas a partir de atividades de conhecimento físico, jogos, debates e atividades de leitura ou escrita. Educar consiste muito mais do que simples atividades, materiais e organização na sala de aula. É, também, proporcionar condições para que as crianças construam seu entendimento a partir de suas interações cotidianas. E um ambiente humanamente ecológico não é garantido apenas pelas aulas e seminários de Biologia, ou a interação entre as crianças, papel fundamental para que esta prática obtenha sucesso é o do professor/a. Um bom educador/a jamais será tão somente um transmissor unilateral de informações, ele/a tem a função de mediar situações, promover, “criar um contexto para a construção de hábitos interpessoais, personalidade e caráter pelas crianças.” (DE VRIES; ZAN, 1998, p. 34).

É lastimável constatar que a maior parte de nossas instituições de ensino – incluindo as creches – não se preocupa com o desenvolvimento global de suas crianças, mas, singularmente, com o desenvolvimento intelectual, preterindo o desenvolvimento sócio-moral e afetivo, negligenciando o ser integral.

Educação é muito mais do que transmitir conhecimentos e habilidades por meio dos quais se atingem objetivos limitados. É também abrir os olhos das crianças para as necessidades e direitos dos outros. Precisamos mostrar às crianças que suas ações têm uma dimensão universal. E precisamos encontrar uma forma de estimular seus sentimentos naturais de empatia para que venham a ter uma noção de responsabilidade em relação aos outros. Pois é isso o que nos motiva a agir. Se tivéssemos de escolher entre conhecimento e virtude, a última seria sem dúvida a melhor escolha, pois é mais valiosa. O bom coração que é fruto da virtude é por si só um grande benefício para a humanidade. O mero conhecimento, não. (LAMA, 2000, p. 197).

A educação ético-ecológica acontece quando os valores no conteúdo e no exercício do ato de educar são humanos e humanizadores, quando proporciona o desenvolvimento incondicional das individualidades, objetivando o crescimento coletivo.

Cada aprendiz necessita ser respeitado na sua alteridade e no seu estilo próprio de aprender a aprender. Numa escola saudável, o educador centra-se no aprendiz - e não num programa rígido, massificador e castrador do brilho e da originalidade que emanam de cada pessoa. [...] É tempo de educar educadores. É tempo de ousar resgatar o espaço sagrado onde o aprendiz possa orientar seu coração para aprender, sobretudo, a ser plenamente o que ele é. É tempo de conspirar por uma educação não-normótica⁵, centrada na totalidade. (CREMA, 2003a).

Devemos erigir uma nova educação com a preocupação de fazer uma escola ecologicamente humana, voltada para a educação integral do ser, começar um trabalho de despertar consciencial ecológico. E haja vista as teorias mais atuais da educação, entre elas a construtivista e a sociointeracionista, esta prática deve ter seu início na infância. Todavia a questão que não deve ser negligenciada é a tomada de consciência dos adultos/as, compreendendo que educar ecologicamente não é o processo pelo qual uma pessoa adquire conhecimentos a respeito das ciências biológicas e se inteira do que seja ecologia, ecossistema, meio ambiente ou coisas do gênero, isto é instrução. Educar ecologicamente, no sentido mais profundo do termo, é formar o homem e a mulher essencialmente,

5 Segundo CREMA (2003): o normótico é aquela pessoa que não escuta, é aquela pessoa que está pensando só em si, é aquela pessoa que não se dá conta que tudo está ligado com tudo; que pára diante de um semáforo e vê aquele bando de crianças perdidas e acha que isto não tem nada a ver com. [...] A normose é a patologia da normalidade [sem grifo no original].

é aperfeiçoá-los, ajustando-os aos objetivos de progresso e equilíbrio social e espiritual da humanidade.

A educação por uma vida sustentável estimula tanto o entendimento intelectual da ecologia como cria vínculos emocionais com a natureza. Por isso, ela tem muito mais probabilidade de fazer com que as nossas crianças se tornem cidadãos responsáveis e realmente preocupados com a sustentabilidade da vida; que sejam capazes de desenvolver uma paixão pela aplicação de seus conhecimentos ecológicos à reformulação das nossas tecnologias e instituições sociais, de maneira a preencher a lacuna existente entre a prática humana e os sistemas da natureza ecologicamente sustentáveis. (CAPRA, 2008, p. 15).

Numa parceria ampla e irrestrita, a família, par de extrema importância, posto que é o laboratório dos nossos primeiros exercícios de relações interpessoais, e a escola devem buscar e investir – ambas – na evolução de seus educandos/as; afinal, em maior ou menor grau, somos todos pedagogos/as, mesmo que não tenhamos consciência disto. Que permitamos nos deixar guiar pelo paradigma do princípio holográfico, quando admite que as leis ou princípios que regem a totalidade do universo se encontram também em cada uma de suas partes.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhem para sermos educadores/as éticos ecologicamente, profissionais regulamentados ou não, pois somos responsáveis pelo despertar de valores universais. A Conferência de Tbilisi indica duas características fundamentais que há de se levar em consideração para uma educação ambiental responsável e comprometida.

A primeira é de que a educação ambiental não seja apenas uma nova disciplina que se soma a outras existentes. [...] A segunda idéia é a de que o interesse dessa educação não se restrinja somente a provocar mudanças no ensino escolar. Sobretudo, ela deve suscitar novos conhecimentos fundamentais e novos enfoques dentro de uma política global de educação, que insista na função social dos corpos docentes e nas novas relações entre todos aqueles que intervêm no processo educativo.

Na pedagogia do futuro, que é o agora, todos os pares, mormente os profissionais da área, deverão ser educadores/as e despertadores/as dessa nova consciência ecológica, indivíduos propagadores da nossa identidade terrena, fazendo com

que seus educandos/as compreendam a dimensão cósmica de seus cernes, pois, mais que nunca, urge que sejamos coerentes, exemplos fidedignos do que apregoamos. Se assim não agirmos, Gaia, nós e nossas crianças, principalmente, teremos um amanhã bastante obscuro e conturbado - falando deste modo, para não sermos trágicos o bastante.

REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof et al. **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

CREMA, R. **Elogio ao jardineiro**. Disponível em: <<http://www.boanova.org.br/crema.asp>>. Acesso em: 11 fev.2003a.

_____. **Liderança no século XXI**: impactos da passagem do milênio. Disponível em: <http://www.cenap.org.br/cnp_tecendo/ideias04/tec04_lid_sec.htm>. Acesso em: 11 fev.2003b.

DE VRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil**: o ambiente sócio-moral na escola. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1998.

GOERGEN, P. **Pós-modernidade, ética e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

KRISHNAMURTI, J. **A educação e o significado da vida**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

LAMA, D. **Uma ética para o novo milênio**. 6.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ROMARIZ, D. de A. Ética ecológica e educação para o ecodesenvolvimento. In: VIEIRA, P. F.; RIBEIRO, Maurício Andrés (Org.). **Ecologia humana, ética e educação**: a mensagem de Pierre Dansereau. Florianópolis, SC: Pallotti/APED, 1999. p. 531-534.

TUGENDHAT, E. **Lições sobre ética**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

